

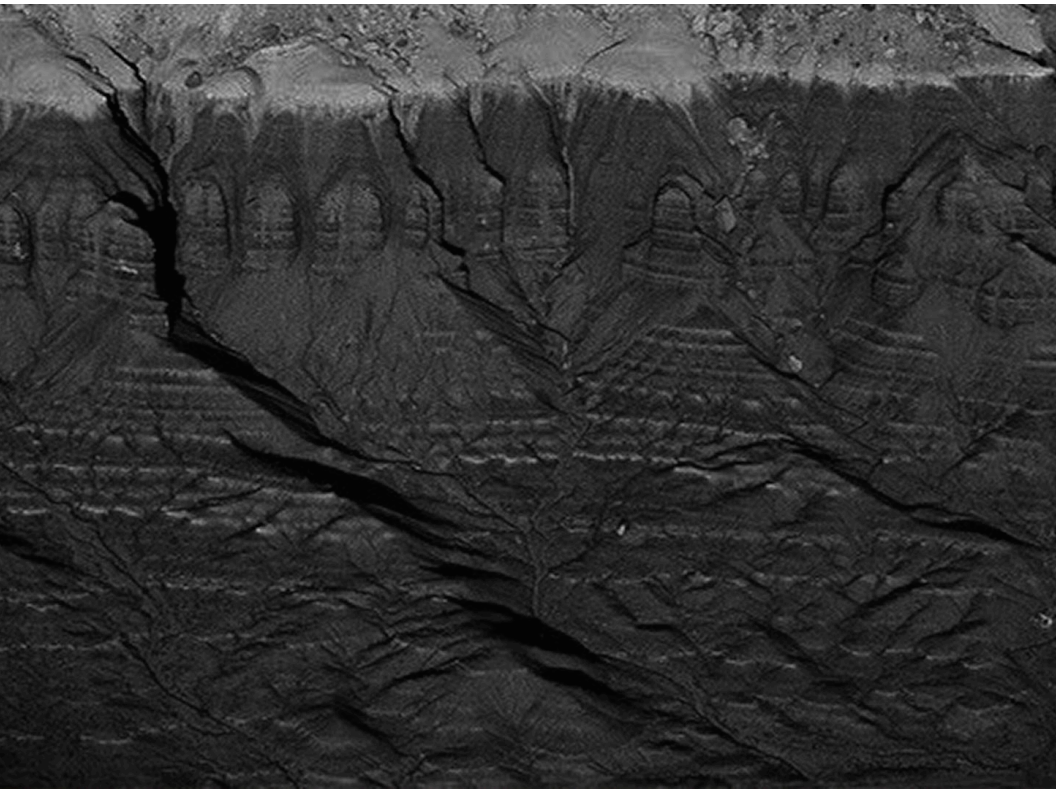
A TERRA ARRASADA

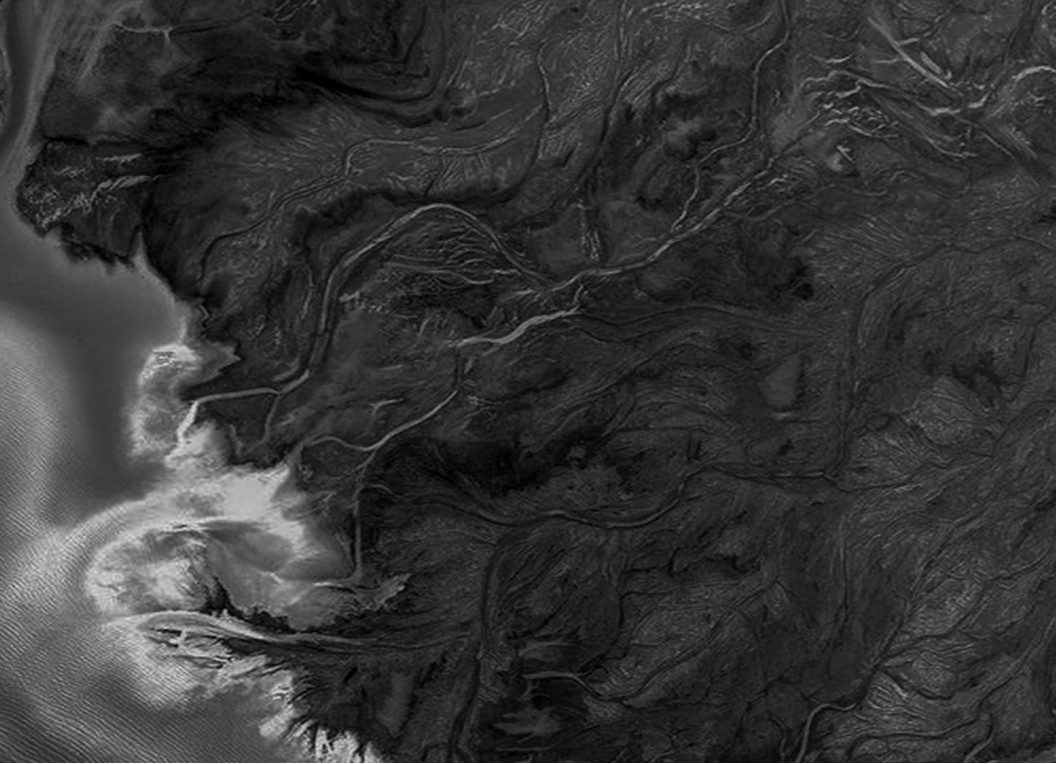
allan vidigal

A large, dark, circular shadow or hole is cast on a textured, brownish surface, possibly soil or a book cover. The shadow is deep and dark, contrasting with the lighter, grainy background. The overall composition is simple and evocative, suggesting a theme of earth or a hidden space.

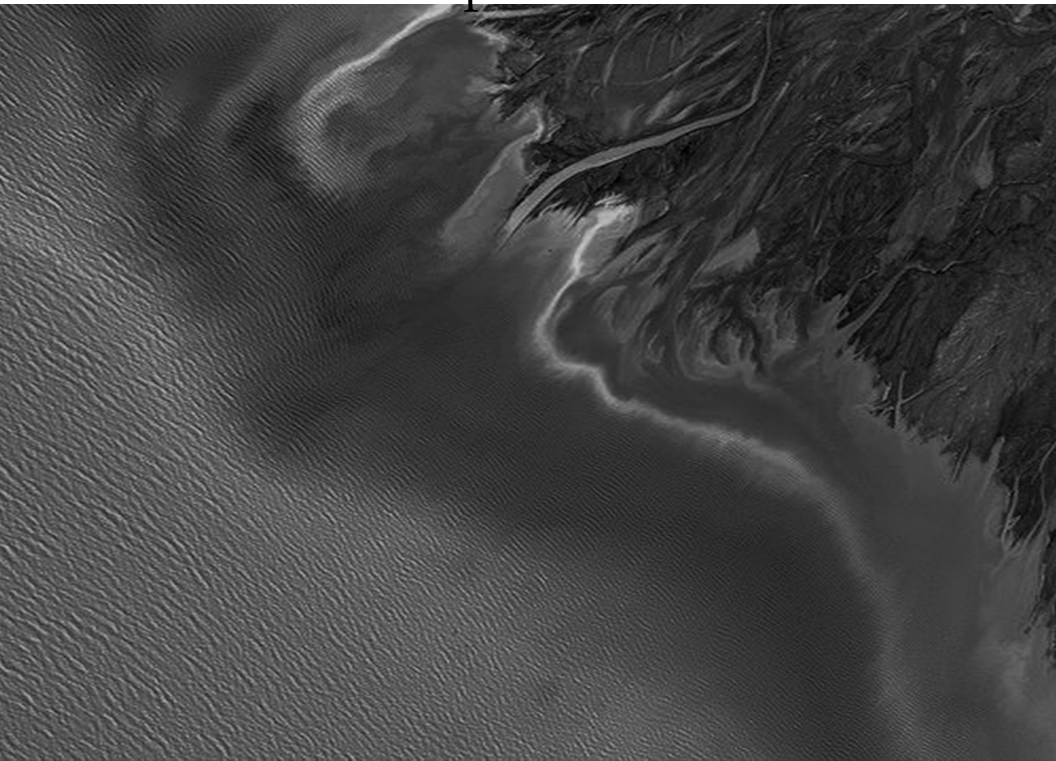


A terra arrasada





Colección Libros
Imposibles



A TERRA ARRASADA

Allan Vidigal

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2024-

Vidigal, Allan. 1971

A terra arrasada / Allan Vidigal --1ª ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2024.

90 p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 23 >

<Digital>

1. Poesía brasileña . 2. Literatura brasileña. I. Título.

Primera edición, 2024

Colección Libros Imposibles #23

A terra arrasada

© Allan Vidigal

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Portada & ensayo fotográfico :

Floriano Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

Los autores





AMOR?

TERRA ARRASADA

Bateste em franca retirada.
Te ocultaste além do horizonte,
mulher que outrora chamei “Amada”.
E quem saberá dizer onde, e quão longe,
fica a muralha que te esconde?
A cama que foi nossa um dia
– e, por mim, ainda seria –
é o leito de um rio morto
(antes água, hoje lodo).
Entre uma margem e outra,
sumidouro, atoleiro, fosso:
queimaste a última ponte,
não resta vau, nem passagem,
e nem mesmo o próprio Caronte
se atreveria a fazer tal viagem.
Da minha margem diviso a tua,
que por léguas ao fundo e ao largo
fizeste estéril, calcinada e nua,
como quem dissesse, “Delenda Cartago”.

SEMÂNTICA

“Saudade” é uma palavra bonita
se a gente sabe o que significa
(mas, no fundo, não diz nada).
Melhor diziam os gregos antigos:
“nostalgia”,
que é a dor de sentir falta.

CONFISSÃO

Eis um segredo:

Por mais que eu te diga

“maldita, maldita, maldita”,

É mentira.

Qualquer outra mulher, nua,

É um beco sem saída,

Armadilha,

Uma falsa rota de fuga do degredo.

Qualquer boca ou boceta, se não tua,

É tentar curar um câncer com placebo.

FÚTIL

Agarra a gárgula pela garganta.

Garroteia.

Amarra a aranha na própria teia.

Bota pra correr até o Cão.

Mata o monstro e mostra o pau

(em vão).

De que te vale qualquer façanha,

herói, se, afinal,

a donzela que demandas te odeia?

V. ZOSTER

Algumas mulheres são doenças.

Vêm, vão, deixam sequelas.

Algumas, mas não aquela.

Se doença era, era catapora:

Deixou marcas? Sim, deixou.

Mas depois foram embora.

PARA NÃO MAIS BEIJAR

Nem línguas, nem lábios, nem bocas,
mas vermes lentos,
lesmas quentes:
acasalamento
de moluscos sem concha
entre os dentes.

PALEONTOLOGIA

Os amores de ontem se foram.

Quando muito,
emergem vestígios
como ossadas na falésia:

Os restos petrificados
de monstros e feras,
terrores de outrora
que a morte fez dóceis.

Os amores de ontem? São fósseis.

POEMA DE AMOR?

Se eu quero um amor?
Quero, sim, por quê não?
Mas não me venha com esses
de bichinhos de pelúcia,
vinhos caros e bombons.
Quero um amor caco de vidro.
Um amor ressaca de bourbon.

Não um amorzinho belo,
amor flores e arco-íris,
serenatas, violinos.
Se vier amor, que seja
concertina, amor tormenta,
tatuagens, overdrive.

Muito menos um amor
com flechinha de cupido.
Seja um amor violento,
um amor bala perdida,
um amor ponto cinquenta,
um amor roleta russa.

E nem me venha com essa
de amor de coração.
Um amor só me interessa

se for desses que se sente
como um soco no estômago
e, de resto, tão sutil
quanto um bom chute no saco.

SOBRE UM MOTE

Recaída é o nickname do diabo.

TATI BERNARDI

O certo seria, no fim duma história,
deixar para lá e se dar por contente.
Deu certo? Beleza. Não deu? Tudo joia.
Azar, paciência. E bola pra frente.

Problema é a gente ficar nessa noia,
de achar que o tal fim pode ser diferente,
sonhar fantasias que em nada se apoiam,
não ver que é um erro e tentar novamente.

Descaminho que começa onde termina,
cicatriz que se desdobra em chaga aberta,
cobra estúpida que morde o próprio rabo.

Insistência em conhecer uma só sina,
um destino só que nunca se completa.
Recaída é o apelido do diabo.

TARAS

Inventa-me, amor, uma tara sem par.
Desvenda o universo das parafilias.
Revira papiros, grimórios, estelas,
revela-me em mitos e antigos mistérios
um fetiche quaisquer que a nós dois enfeitice

(é que o amor, meu amor, quase a tudo resiste,
mas não à armadilha fatal da mesmice).

OBSERVADOR

Estalidos sobre o asfalto.
O *staccato* do teu passo
me toma os ouvidos de assalto.

Frio na barriga, arrepio.
Tornozelos, panturrilhas.
Escalas o meio-fio.

Flutuas de salto alto.
És pernas e saia curta:
cada passo, um sobressalto.

DESIMPORTÂNCIAS

Conheço o destino dos elefantes
E sei que os tigres estão quase extintos
(Mas reconheço, declaro, admito,
Tudo isso me soa desimportante).

Discutem-se as ogivas nucleares;
E algum ditador testou hoje outro míssil.
O mundo está cada vez mais difícil.
Mas que importa, se me basta me amares?

Não me interessa, tendo a ti,
Se corre o mundo nova pandemia,
Se nunca terminou a guerra fria
Se a desnutrição assola o Haiti.

Depois penso nisso, outro dia, mais tarde:
Eu sinto ainda, no canto da língua,
Um resto do gosto da tua saliva
E é uma questão de prioridades.

TAPEÇARIA

Entrelaçados,
tu, a trama,
eu, urdidura.
Quase um quadro
tendo a cama por moldura.

EMOLDURADA

Viro pro lado e vejo
(filme adulto sem cortes,
revista de sacanagem),
em *chiaroscuro* e água-forte
à luz que vem da janela,
a obra-prima do *vernissage*.
Ainda sinto seu cheiro
doce e quente sobre a pele.
Ela dá uma de inocente
(nem desenho do Zéfiro,
nem bem óleo sobre tela),
espreguiça e faz que não sente
os meus olhos sobre a dela.

DOS LIMITES DO PODER ESTATAL

Soubesse a Vigilância Sanitária
dos excessos cometidos
sob a égide do sexo,
interditar-nos-ia a todos,
sem que recurso coubesse,
ex officio a genitália.

METEOROLOGIA

Ela entra, irritada, e fala
da tempestade repentina,
da previsão do tempo,
da maldita sombrinha
largada num canto da sala.
Pouco escuto, mais atento
aos bicos dos seios
aguçados pelo vento;
às curvas que o tecido da camisa,
molhado de chuva,
em vez de ocultar, enfatiza.

RELATIVIDADE

Se você não está por perto,
enfurece o próprio tempo
e o relógio, em protesto,
entra em greve: gira

l e n t o

TROUXA

Quem mandou, também, paspalho,
resolver largar o cigarro
logo agora que ela foi viajar a trabalho?
Agora fica aí,
mal-humorado pra caralho,
dormindo toda a tarde,
passando a noite acordado,
sem saber se essa azia
é por causa da saudade
e da casa vazia,
ou se é só ansiedade
e hiponicotínemia.

TUDO

Não te vou comparar às estrelas,
nem ao fresco do sereno,
à luz limpa da lua cheia;
qualquer uma dessas coisas
por si só é mesquinha e pequena.
(és a noite)

E não vou dizer de ti que és minha
e, quando não mais o fores,
jamais pensarei, “a tinha”.
Quem, afinal, poderia
– sendo um só – para si ter-te toda?
(és a vida)

E sequer julgarei que és apenas
a mulher que me chama de amado.
Quem sou eu para impor-te cadeias?
Não és só quem me abraça no escuro,
nem somente quem dorme ao meu lado.
(és-me tudo)



LUGARES



PINDORAMA

Que pensaram as araras,
divisando ao longe as naus
naquele dia de abril?
Que terão pensado as onças,
as tainhas e os saguis
quando os botes do homem branco
vieram dar ao litoral?
Teriam previsto o destino?
Teriam sentido que ali
começava a impor-se a ordem?
Quem sabe se anteviram o final
escrito nas entrelinhas
das mensagens de Cabral
e da carta de Caminha?
Se pressentiram o fim do caos,
do caos darwinista,
do caos colorido,
do caos tropical?
Terão percebido, aquele dia,
que logo, bem logo, veriam,
no lugar do Santo Caos,
monocultura, monotonia?

MEGALITOS

Eterna dança de roda,
um baile estático e mudo,
uma ciranda de rocha.
As pedras dançam sem pressa
e giram junto com o mundo
(seu tempo se conta em eras).

Canta como dança a pedra:
para si e não pra gente.
A voz da pedra é interna,
sua cantiga é silente.
Antes cantasse mais alto
e ensinasse a quem ouvisse
a voz que vem do basalto
lição, ainda que triste:

“O construtor, sendo humano,
é breve, mortal, finito
(seu tempo se conta em anos,
não é o tempo do granito).
Finda a vida, nada sobra
a não ser, talvez, a obra.”

TENTATIVA DE INVASÃO

Cresce uma flor no meio-fio
(talvez alguma espécie
de lírio silvestre),
pétalas e sépalas intrépidas
através de uma trinca no concreto.
Mas logo virá a roda de uma bicicleta,
ou a equipe de limpeza do prédio,
acabar com a festa da penetra.

As flores são, mesmo, idiotas completas.

PELE

Pisa-te mal quem te acha feia.
Mas não eu, que te sei,
sob a máscara rude, delicada.

Pisa-te mal quem te tem medo e te acha fria.
Mas se te piso, São Paulo amada,
é como quem acaricia.

Cada passo a que me atrevo sobre o asfalto,
cada toque dos sapatos sobre as tuas avenidas
é como um afago, um agrado
sobre a pele da mulher querida.
Se percorro as tuas ruas e te toco o calçamento,
toco como quem toca, leve e lento,
as costas nuas da namorada.

TOPONÍMIA

Pauliceias, São Paulos e Sampas
as há aos milhares, milhões.
A minha é a mais suja e a mais pura;
a um só tempo, a mais bruta e a mais branda.
A minha São Paulo é a mais linda
e atende, pagã e profana,
apenas por Piratininga.

OBJETIVA

Nas quitandas e esquinas,
com retinas eletrônicas;
nos bancos e elevadores,
através de pupilas estreitas,
a Cidade é um animal,
um predador que me espreita
em preto-e-branco ou em cores
com mil olhos de cristal.

O CASO, FF

Um sol vermelho
despenca –
como uma Kombi sem freio
caindo da ponte –
e atinge em cheio o horizonte.

SKYLINE

Silhueta geométrica
contra o fogo do poente.
Um perfil em tons de cinza
sobre fundo incandescente.
Um retrato da cidade –
sucessão interminável
de estantes de guardar gente.

FAÍSCA

Uma lasca desprende-se da aurora boreal.
Verde-azulou mansinho
E foi-se embora. Solitária, com frio, à deriva,
Tocada por ventos solares atmosfera afora,
Sem meta ou destino,
Sem nada.
Um fragmento dos fogos de artifício
De deuses primitivos
Quis, pra encurtar a história,
Abrigo num país tropical.
E eu fiz-lhe oferta, que não sou idiota, nem nada.
Agora vive numa gaveta do escritório.
E a altas horas da madrugada, canta
Só pra mim sua canção matizada.
E se não canta mais em coro, e nem tão alto,
E nem tanto quanto outrora,
Canta o que e quando quer –
E até ensaia semitons em cor-de-rosa.



PESSOAS

USURA

Se é uma costela que devo,
Aqui a tens. É tua.
Dou por liquidada a fatura.
Não basta a costela?
Não será o suficiente?
Leva duas.
Leva, também,
Esta tibia, esta fíbula,
A mandíbula, os dentes.
Leva-me todo o esqueleto.
Que cada osso se aguçe,
Vire lâmina, estilete,
Rompa a carne macia,
A pele sutil, e perfure
Seu caminho até a saída.
Leva contigo esta ossada,
Tudo que há em mim de rígido e duro.
Tens duzentos e seis ossos aqui:
Agora há de ser o bastante
Para quitar o principal e os juros
E multa de mora, se houver,
Desse empréstimo que nunca pedi.

VAZIA

Sou um resto de nada hoje em dia,
Sou refém e de mim sentinela;
A mulher que, de triste, se via
Personagem na voz de Florbela;

A garota que só no seu canto
Tinha medo do mundo lá fora
E cantava baixinho enquanto
Lia amores de Lygia e de Cora;

A menina que amor nenhum tinha
E ninguém quem seus sonhos ouvisse
E chorava seu choro – sozinha –
Com Cecília, com Hilda e Clarice;

Em histórias buscava guarida
(de Clarice, de Lygia e de Hilda)
E num mar de si mesma era ilha
(Coralina, Florbela e Cecília).

LAMENTO DA MULHER QUE NÃO FUI

Eis que deito-me em leito de terra
Por seis palmos de terra coberta
E me vejo a viver sem ter fim
O caminho que fiz nessa vida.

Por Reinaldo me fiz conhecida.
Do meu nome de pia, Maria
Deodorina Bettancourt Marins,
Quase todo me fiz abrir mão
E me fiz conhecer Diadorim
Por aquele que foi para mim
Céu e inferno no chão do sertão.

Esta terra que agora me cobre
A um só tempo me pesa e me acolhe,
Qual talvez me acolhesse, pesado,
Riobaldo em mim sobre a cama.

É perdido pra mim Tatarana,
Mas de que me adianta chorar
Se fui eu que escolhi esse fardo?
Se meu choro só os vermes terão?
Se eu não o quis ter ao meu lado
Por marido em vez de soldado?
Meu é o pranto no chão do sertão.

Esta cova onde faço morada,
Esta cama na qual fui velada,
É onde durmo esse sono sem paz
Que me traz a ferida mortal.

Encontrei no sertão meu final
No cumprir da demanda sagrada
De matar quem tirou-me meu pai.
Mas matar quem o deitou por chão
Me custou preço alto demais:
No cruzar cá-pra-lá de punhais
Caí morta no chão do sertão.

Neste chão que hoje é meu abrigo
Só me resta chorar pelo amigo
De quem, mais que tenente, queria
E devia ter sido mulher.

Mas a vida nos faz como quer.
Não teria o jagunço Riobaldo,
Se não fosse minha honra de filha,
Sido meu por marido e varão?
Não teria ele feito família
Ao meu lado e não de Otacília?
Dura é a vida no grande sertão.

BUQUÊS DE ROSAS VERMELHAS

Olha a mulher que se acha feia.
Em casa, sozinha
numa noite de sexta-feira.

Uma taça de vinho
(é noite de sexta-feira).
No banheiro,
defronte o espelho,
a mulher que se acha feia
fita-se de frente e de lado,
brinda com seu reflexo
e sonha ver-se linda.
E sonha ver-se amada.

A mulher que se acha feia
reclinada na banheira.
Um livro e uma taça de vinho.
E o sonhar em segredo
com toques de dedos
que a conheçam tão bem
quanto ela se conhece.
Um breve tremer de pernas nuas.
Um gemido. Uma lágrima. Duas.
(a mulher que se acha feia, estranhamente,
chora, quando goza, o companheiro inexistente).

Gillette e uma taça de vinho.
A mulher que se acha feia,
com gestos bem calculados,
esculpe com todo o cuidado
os contornos dos pelos do púbis
que ninguém irá tocar.
E imagina ver no fluxo
dos jatos da jacuzzi,
surgindo dos pulsos,
buquês de rosas vermelhas
que ninguém jamais lhe deu.

TARA

Na beira da estrada, mulher de todos, sempre sozinha.
O perfume barato mal cobre a cachaça,
o suor e a fumaça de diesel e gasolina,
o cheiro de borracha de pneu e camisinha.

Parada em parada,
boleia em boleia,
a puta de estrada
tonteia, chapada
de pinga, cansaço e rebite.

A queda, o tropeço
da mulher usada e triste
na beira da estrada:
seu último beijo,
um Volvo seis eixos,
tara de dez toneladas.

ATERRO SANITÁRIO

Entre os dejetos e os descartes
(Darwin ou Lavoisier?),
no meio daquilo que ninguém quer
bem no meio, ali,
daquilo que seria um hodierno sambaqui,
o mais banal dos embates.

Cravam as presas pequeninas,
arrastam garras e dentes
nas carnes do oponente,
dois ratos e uma criança com fome.

Quem ganhar come.

ALHEIO

Ausente do mundo que o desabriga,
um menino sem nome inspira o fogo
que arranca à força de dentro da pedra.
No torpor induzido a que se entrega,
inspira trevas pra tapar o oco,
o vazio que lhe preenche a barriga.
É um dia, mais um dia da refrega
de seu corpo esquelético, parco e pouco
contra um mundo que o quer morto. Quem liga?

P&B

Caiada de branco a igreja da matriz.

Pedra sim, pedra não, caiado o meio-fio.

E os tijolos que demarcam os limites dos canteiros
e os separam dos passeios.

E os troncos das árvores e os postes caiados
(até a altura de um metro e meio).

Caiados os bancos da praça e as colunas do coreto.

Com todo esse branco, com tanto contraste,
como explicar a invisibilidade
do menino que dorme com fome e com medo?

QUANDO VOLTAR EL REI D. SEBASTIÃO

Um dia El Rei D. Sebastião vai voltar:
El Rei redivivo, ressurgido dos mortos,
virá restaurar o Império
e o exército d'El Rei D. Sebastião
serão extras de um filme de Romero.
Quando voltar, El Rei D. Sebastião
nos vai fazer frequentar a igreja.
El Rei D. Sebastião vai coibir o consumo abusivo de cerveja;
proibir ir à praia sem roupa;
acabar com essa pouca-vergonha
de transar antes do casamento,
comer carne às sextas-feiras,
dormir mulher com mulher
e barbado com barbado.
D. Sebastião I, O Desejado, quando vier,
vai por fim a essa mania da Colônia
de querer ser Sede da Coroa.
Um dia El Rei D. Sebastião,
à frente de uma armada de mil caravelas,
vai botar ordem nesta zona.
Um dia El Rei D. Sebastião vai voltar
e acabar com essa bela balbúrdia.
Nesse dia, por via das dúvidas,
me mudo prum outro lugar.

O PESADELO DE XERXES

Estouro da manada
de elefantes impossíveis.
Rugem fileiras cerradas
de couraças siderúrgicas,
entranhas mecânicas
de estranhas ligas secretas.

Respiram fuligem:
as trombas eretas
exalam funis de fumaça,
emitem barridos balísticos,
rajadas, parábolas,
projéteis precisos.

Elefantes de ferro
no solo da Pérsia.
Pegadas no deserto,
rastros de esteira e lagarta
nas areias do Levante.

SUBREAL

Escrever um poema-catarse,
rasgar, com pena de aço,
a pele fina do lado
de dentro do braço.

Escrever um poema vermelho:
copiar em sangue e pus
a imagem no espelho
de olhos de cão andaluz.

SANTUÁRIO

Quando talvez não me encontre,
não me procure
no escuro, onde me escondo:
não é seguro (aqui há monstros).
Aqui, apenas vento frio,
água parada, rocha dura.
E nós, os monstros.

AQUI

Aqui, onde espreitam, escondidas,
as vozes eternas que recitam
as cartas que deixam os suicidas;
onde nascem as dores sem cura
dos membros fantasmas dos amputados;
aqui, onde escondes teus segredos
e ocultas teus medos e vergonhas,
te aguardam os pesadelos que sonhas.

ENXAQUECA

No escuro do quarto,
depois da partida,
tardia e bem-vinda,
do demônio incandescente
que me rasga ao meio a mente,
me oculto e resguardo.

Na casa vazia,
as cortinas me defendem
do sol que queima as retinas.

A bile agre-amarga:
legado da overdose de aspirina,
desse sacramento químico
– exorcismo, salvação –
em que busco alento, alívio,
em vão.

ALZHEIMER

Além das rachaduras da fachada.
Além dos portões,
do ranger das dobradiças,
depois do hall de entrada:
o velho salão.

Que é feito das festas
onde hoje há só teias e traças?
Onde hoje poeira e luz baça,
outrora boleros,
outrora foxtrotes e valsas.
Que é do rodar de vestidos?
Dos tules e tafetás?
Das risadas dos convivas?

Nada resta no velho salão
a não ser a vaga memória
daquilo que foi um dia:
o centro da casa em ruínas.

No meio do assoalho,
uma joia esquecida
brilha de vez em quando
sob a luz das claraboias,
e o salão se lembra e chora.

BARFLY

Sonhava ter no copo dois dedos
das águas sagradas do Lethes
e esquecer-se de si em degredo;
e achar refúgio, ainda que breve;
mas é a visão da própria dor
que o fundo do copo reflete.
E a boca do copo é o Equador:
abraça seu mundo e o circunscreve.

HAMELIN

Nossas crianças se foram, dançantes,
atrás do forasteiro e sua flauta.

Não estivéssemos tão ocupados
celebrando a partida dos ratos,
quem sabe teríamos,
antes e a tempo,
sentido sua falta.

BRONCA

Alice, Alice,

Eu bem que te disse.

“Não prova do bolo, não segue o coelho,

Nem tenta passar pr’outro lado do espelho”.

Te perdeste de vez no caminho que trilhas

De um lado pro outro em país de armadilhas.

Alice, Alice,

Eu bem que te disse.

Por que não escutas quem bem te aconselha?

Alice, Alice,

Por que não me ouviste?

É falsa a lagarta e o gato, matreiro.

E mentem a lebre e esse tal chapeleiro

(Mas podes contar com a enxurrada de choro

E o risco é real de perder a cabeça).

Alice, Alice,

Por que não me ouviste?

O mundo que sonhas só em sonhos existe.



O BOBO DA CORTE

A ANTA

*Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night*

W. BLAKE, "The Tyger"

Anta! Anta! Baça chama
Pelo chão de Pindorama,
De que mente doentia
Vem tua enorme letargia?

Em que abismo ou firmamento
Fez-se teu olhar tão lento?
Quem, tomado de preguiça,
Deu-te luz assim mortíça?

Qual engano & inação
Fez-te fraco o coração?
E esse estorvo que tu és,
Que terríveis mãos & pés?

Que gambiarra ou improviso
Fez-te assim, tão sem juízo?
Que artesão meia-tigela
Deu-te à luz sem mais aquela?

Quando riram-se as estrelas

Das tuas falhas ao bem vê-las,
Quem te fez achou-te um brinco e
Fez, também, o ornitorrinco?

Anta! Anta! baça chama
Pelo chão de Pindorama,
Ai, que mente doentia
Fez-te tonta assim, um dia?

CAUTELA

Atentai ao que vos digo,
escutai, varões, o conto,
triste sina de um amigo
que, de um golpe, viu-se roto.
Não faz mais xixi de pé:
do seu membro outrora altivo
não sobrou senão um toco.
Dai-vos conta deste aviso,
não façais ouvidos moucos:
não useis o fecho éclair
se criais o bicho solto.

GÁS

Talvez um poema lhe saia do peito,
Talvez venha a nós, outrossim, do intestino.
Pra mim, o poema biscoito mais fino
É o tal que se faz, não aquele que é feito.

E assim lhe respondo, contesto-lhe o pleito:
Não pode um poema, lhe indago, menino,
Fazer-se por si, prescindir raciocínio,
Nascer como espirro, um arroteo ou um peido?

Não pode um poema fazer-se, de fato?
Vir não da cabeça, mas sim das entranhas?
Fazer-se espontâneo, sem truques nem manhas,
Qual faz-se uma bufa, ou um traque, ou um flato?
Nos vir por acaso, acidente, de chofre,
Malgrado o aroma de alho ou de enxofre?

DESSONETO

Tem autor que só escreve quadrado,
Verso e estrofe bem dentro do esquadro,
E que pensa que rima é besteira.

Mas será? Pode ser, eu sei lá...
Cá pra nós, rima pobre me cheira
A desculpa pra mal sonetar.

Já que sei muito bem que não encaixo
Nesse molde de autor de soneto,
Desmontei seu formato cabresto
E virei de cabeça pra baixo.

Que é que foi, com essa cara de tacho?
Se te deixa mais calmo, prometo:
Não esquentar a cabeça com o texto,
Quase tudo o que escrevo é de escracho

NILISMO DE BOTEQUIM

Não é que eu ‘tava no boteco
bebendo quieto, sossegado,
quando, pra minha surpresa,
sem sequer pedir licença,
chega Deus e senta à mesa?
E, não bastasse o descaso
com a minha descrença,
ainda matou minha cerveja.

E eu, “Porra, Eheieh, que saco!
Isso é coisa que se faça?
Quer beber, vá lá que seja,
mas pelo menos pede outra taça!”

Ele deu um sorriso maroto,
roubou meu bolinho de bacalhau,
levantou e disse, “Cê é besta, garoto?
Vai esquentar a cabeça com isso?
Foi só um golinho e, afinal,
que te importa, eu nem existo!”

MACHADADAS

Ao que parece, os bons poetas
fazem poesia com amor,
com encanto, devoção e recato,
com a pena e a lira,
as ferramentas mais delicadas.

E se assim é,
e se eles são assim, de fato,
devo ser, então, se tanto,
poeta de mentirinha:
faço a minha a machadadas.

CIMENTO, ARGAMASSA E OUTROS QUETAIS

a soma dos quadrados dos catetos
é igual a um arremedo de musa.

antipoesia matemática,
geométrica,
da musa geneticamente arquitetada
(quadrada)
nos laboratórios da nossa macróbia vanguarda;
da musa que não diz nada,
não faz nada,
não é nada.
(- musa?
- ossada.)

talvez tenha sido poesia,
um dia.
agora é só concreto:
é rígida e estática e fria;
uma lápide rachada.

JÁ DEU, NÉ?

Ai, musa, liberta-nos do jugo
de marginais de boutique
e malditos de araque.
De *beats* requentados
que soam como tradução do Google
de Ginsberg & Kerouac.

INTRADUZIBILIDADE

Queria uma palavra em português
com sentido igual ao de *blasé*
ou, caso a língua pátria não a aceite,
outra que diga o mesmo que *jaded*.
Mas aí de mim, que não é fácil
esta nossa derradeira flor do Lácio.
E, sem encontrar nela toda
palavra ou expressão mais amena e família
que diga o que eu, se pudesse, diria,
digo, apenas, “quero mais é que se foda”.

DEBALDE

Procurei na poesia,
nas palavras do vate –
fosse no literal,
fosse nas entrelinhas –
um sinal qualquer de verdade.

Mas, ai, de balde:
todo poema é mentira;
todo poeta é uma fraude,
mitômano armado de lira.

WORDSLINGER

Shush, wordslinger, pen for hire,
shush, get back to work, now.
It matters not,
and no one cares,
that after a year or so of utter drought
A flood of poetry comes pouring down.
Lest you forget,
you're bought and paid for
– look, it says so right there,
on page two, clause 3.4.
There's a book you must write, wordslinger;
there's goals to meet,
there's bills to pay,
and there's a deadline.
Never mind that it's Sunday,
and it's nice and warm out there on the street.
Lay aside meter and rhyme,
and for fuck's sake, put down that beer.
There's this boring book you said you'd write.
So quit your whining, get a grip,
and stop wasting the client's time.
You're bought and paid for, and that's a fact;
20,000 words of tripe

– and you're not even half there yet.



A MUSA

BUSCA

Busco sem sucesso,
mas insisto e não descanso
enquanto a busca não tenha fim:
em algum lugar deste deserto branco,
vinte e uma polegadas, *wide-screen*,
a musa se esconde entre pixels,
dá risada e faz pouco de mim.

A MUSA MUDA

Às vezes, a musa
– por pura pirraça –
não dá o ar da graça,
nos ignora, reclusa,
e desaparece.

E não há o que a faça
– súplica, prece,
berro, ameaça –
mudar de conduta:
só vem essa vaca,
só fala essa puta,
se bem lhe apetece.

NOTÍCIAS POPULARES

O mau poeta acoisa a musa.
Não admite recusa,
nem se conforma com um “não”.
O mau poeta não desiste:
protocolo, formulário em três vias,
requerimento, recurso – em vão.
Ataca, então, rasga-lhe a blusa:
abuso em busca de poesia,
estupro à guisa de inspiração.
Crava os dentes no peito
ainda quente, embora inerte,
e suga até que repleto
do sangue que o seio verte.
Foge dali satisfeito,
pensando com seus botões,
“Agora me sai um poema que preste”.

PÁSSARO

De olhos vazados, a musa
debate-se, urra – cativa.
Destroça o rosto com as unhas.

O grito da musa no escuro:
lamento de dor e loucura.

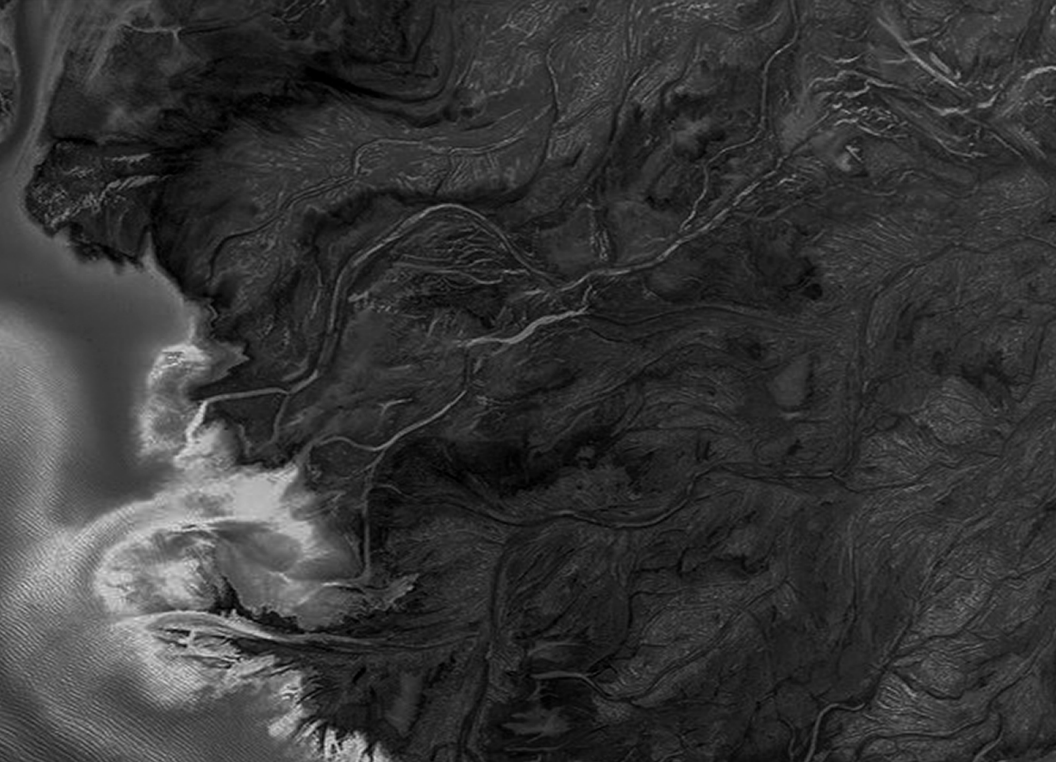
(a musa, canário em clausura)

SOBRE O POETA, ELE MESMO

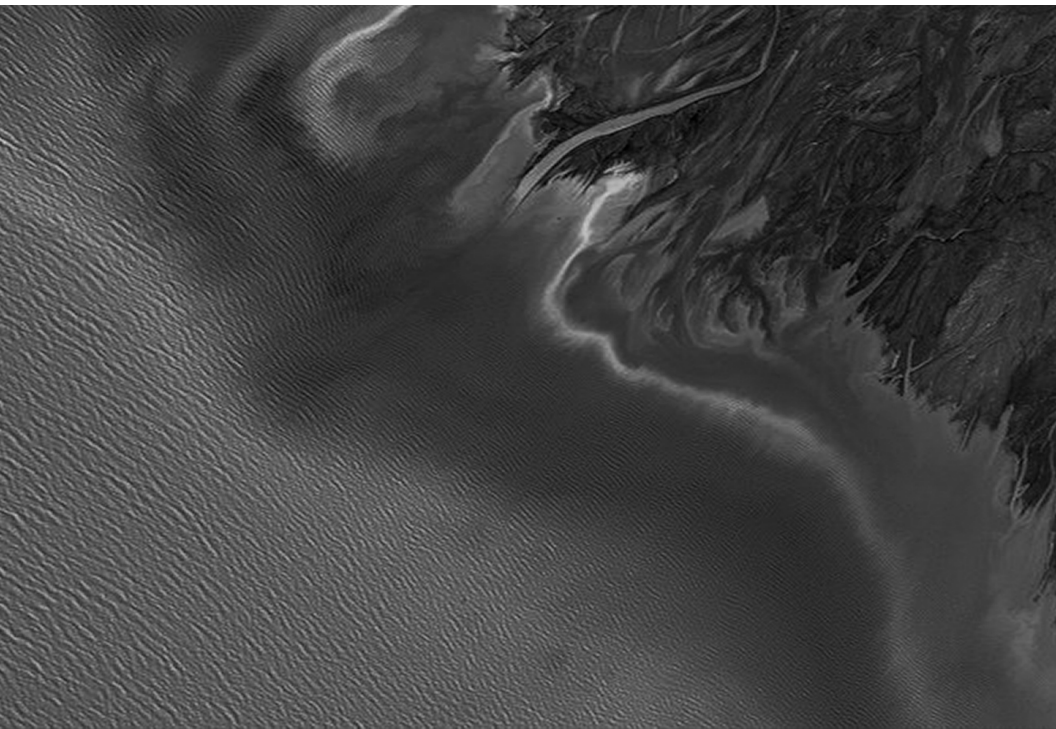


Allan Vidigal (Brasil, 1971) é paulista e paulistano, anglo-caboclo e pai. Escreve livros de história empresarial e familiar, e traduz documentos importantes e chatos, porque de poesia não se vive. A depender do momento, também se pode ler o que segue:

Escritor e tradutor. Estudou direito, mas não se deu muito bem com aquilo e foi procurar outra coisa para fazer da vida. *Como ele próprio adota, um poema não serve pra nada*, fato que confirma sua decisão de não manter expectativa alguma em relação a leitores. E acrescenta: *É uma avaliação que me parece objetiva, exata. Escrevi, também, do poema que se faz sozinho, do poeta que apenas toma ditado e escreve o que já lhe nasce pronto na cabeça. Todos os meus se fizeram sozinho; e apenas escrevi o que me foi ditado. Cedi à tentação de fazer ajustes? Sim, em alguns casos. E, se algo desagradar ao leitor, que seja lançado à conta desses ajustes: as vozes não têm culpa se mudei o que me mandaram escrever. De qualquer maneira, eu e as vozes esperamos que gostem.*

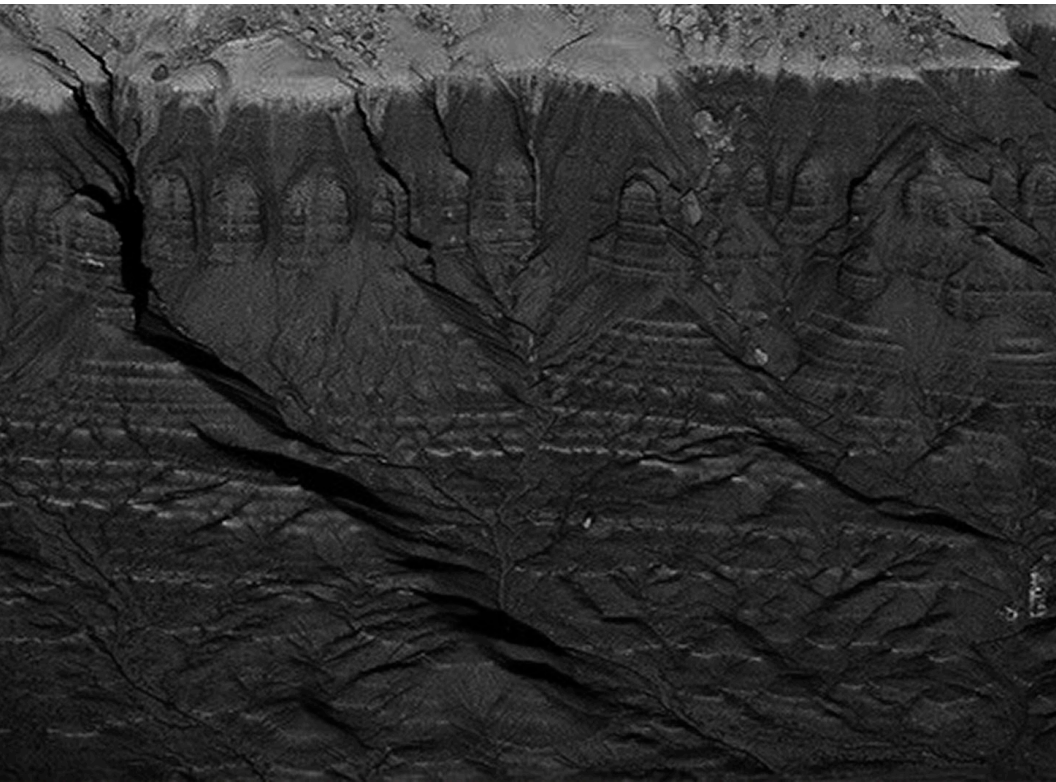


A terra arrasada de Allan Vidigal se terminó de ensamblar en su versión digital en octubre de 2024. En su composición se utilizaron los tipos :Californian FB, Linux Libertine, Minion Pro, JMH Typewriter y Times New Roman: 10, 12, 14, 18.





2024



**COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
2024**